

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 2 Maio - Agosto 2022

TRADUÇÃO

GORDON CHILDE E ARQUEOLOGIA MARXISTA*

Neil Faulkner**

Tradução: Guilherme Mongeló***

RESUMO

O quinquagésimo aniversário da morte de Childe se apresenta como uma boa oportunidade para avaliar e criticar seu trabalho. Interpretações marxistas da história estão sob ataque constante. “Pensadores” pós-modernos estão negando a capacidade dos seres humanos de compreender, controlar e melhorar o mundo através da utilização do conhecimento, da ciência e da razão. Historiadores revisionistas estão descobrindo as virtudes dos impérios e das guerras imperialistas. Estes são os ecos acadêmicos de uma nova ordem mundial dominada por senhores da guerra, especuladores corporativos e ideólogos neoliberais. Childe, do lado oposto, acreditava na ciência, no progresso e na mudança radical. Retomando-o hoje em dia, encontramos ricas fontes de inspiração. Neste texto, Neil Faulkner realiza um percurso pela trajetória acadêmica de Childe, trazendo a luz a questionamentos que relacionam a produção acadêmica com o ativismo político.

Palavras-chave: Gordon Childe; marxismo; teoria arqueológica.

* FAULKNER, Neil. Gordon Childe and Marxist Archaeology. *International Socialist*, Issue 116. Autumn. 2007. Disponível em: http://isj.org.uk/gordon-childe-and-marxist-archaeology/#116faulkner_7

** University of Bristol, Department of Archaeology and Anthropology. E-mail: neil.faulkner@bristol.ac.uk.

*** ESPOL Polytechnic University, Escuela Superior Politécnica del Litoral, ESPOL, Facultad de Ciencias Sociales y Humanísticas, Campus Gustavo Galindo Km. 30.5 Vía Perimetral, P.O. Box 09-01-5863, Guayaquil, Ecuador. Correo: mongelo@espol.edu.ec. ORCID: [0000-0002-2841-0007](https://orcid.org/0000-0002-2841-0007).

GORDON CHILDE AND MARXIST ARCHAEOLOGY

ABSTRACT

The fiftieth anniversary of Childe's death turns out to be a good time to assess and critique his work. Marxist interpretations of history are under sustained attack. Postmodernist "thinkers" are denying the capacity of human beings to understand, control and improve their world through the application of knowledge, science and reason. Revisionist historians are rediscovering the virtues of empires and imperialist wars. These are academic echoes of a new world order dominated by imperial warlords, corporate profiteers and neoliberal ideologues. Childe, by contrast, believed in science, progress and radical change. Returning to him today, we find rich sources of inspiration. In this article, Neil Faulkner presents a tour of Childe's academic trajectory, bringing to light questions that relate academic production to political activism.

Keywords: Gordon Childe; marxism; archaeological theory.

GORDON CHILDE Y ARQUEOLOGÍA MARXISTA

RESUMEN

El quincuagésimo aniversario de la muerte de Childe se presenta como una buena oportunidad para evaluar y criticar su obra. Las interpretaciones marxistas de la historia están bajo constante ataque. Los "pensadores" posmodernos están negando la capacidad de los seres humanos para comprender, controlar y mejorar el mundo mediante el uso del conocimiento, la ciencia y la razón. Los historiadores revisionistas están descubriendo las virtudes de los imperios y las guerras imperialistas. Estos son los ecos académicos de un nuevo orden mundial dominado por señores de la guerra, especuladores corporativos e ideólogos neoliberales. Childe, por otro lado, creía en la ciencia, el progreso y el cambio radical. Volviendo a ello hoy, encontramos ricas fuentes de inspiración. En este texto, Neil Faulkner rastrea la trayectoria académica de Childe, sacando a la luz cuestiones que relacionan la producción académica con el activismo político.

Palabras clave: Gordon Childe; marxismo; teoría arqueológica.

Talvez não seja um acidente o fato de que Vere Gordon Childe (1892-1957), provavelmente o maior arqueólogo do século XX, tenha cometido suicídio depois de um ano da Revolução Húngara de 1956¹. Childe não era apenas um ilustre acadêmico, pré-historiador e teórico social, ele foi também, durante sua vida adulta, um ativo e comprometido socialista, mas que manteve ilusões com o Stalinismo até o fim.

Childe, como acadêmico e ativista, foi fortemente influenciado pelo marxismo. Sua convincente interpretação, que congregou grandes narrativas da pré-história e da antiguidade, possui raízes em uma perspectiva materialista. É por essa razão que *Man Makes Himself* (1936) e *What Happened in History* (1942), duas populares sínteses de Childe que classificam a história da Europa e do Oriente Próximo desde a Idade da Pedra até o Império Romano, tenham se tornado provavelmente os textos arqueológicos mais lidos que já foram escritos. Por outro lado, as contradições e limitações de sua visão sobre o passado, que na verdade são parcialmente explicadas pela falta de dados disponíveis neste momento, foram em grande parte causadas pela adesão a uma visão simplista do marxismo.

O quinquagésimo aniversário da morte de Childe acaba por ser uma boa oportunidade para avaliar e criticar seu trabalho. Interpretações marxistas da história estão sob ataque constante. “Pensadores” pós-modernos estão negando a capacidade dos seres humanos de compreender, controlar e melhorar o mundo através da utilização do conhecimento, da ciência e da razão. Historiadores revisionistas estão descobrindo as virtudes dos impérios e das guerras imperialistas. Estes são os ecos acadêmicos de uma nova ordem mundial dominada por senhores da guerra, especuladores corporativos e ideólogos neoliberais. Childe, do lado oposto, acreditava na ciência, no progresso e na mudança radical. Retomando-o hoje em dia, encontramos ricas fontes de inspiração.

Este não é o local para definir as grandes narrativas de Childe como *Man Makes Himself* e *What Happened in History*, ainda que do ponto de vista empírico e teórico continuem sendo excelentes e altamente acessíveis introduções à antiguidade e à pré-história. Um pequeno resumo, no entanto, com correções úteis baseadas em evidências recentes pode ser encontrado na primeira parte de *A People’s History of the World*, de Chris Harman (1999, p. 3-100). Neste artigo, tenho três objetivos: primeiro, identificar os temas chave para a interpretação que Childe tinha sobre a história e explicar a sua importância em nossa compreensão do passado; segundo, localizar as ideias de Childe no contexto de seu engajamento na luta pelo socialismo, e explorar o caminho pelo qual sua visão política avançou e limitou suas elaborações; e terceiro, sugerir maneiras pelas quais um marxismo autêntico e revolucionário pode nos permitir ir além de Childe e desenvolver uma reflexão mais compreensível “do que aconteceu na história”.

UMA ÉPOCA DE GUERRA E REVOLUÇÃO

Childe teve dois cargos acadêmicos na arqueologia, primeiro como Abercomby Professor of Archaeology, na Universidade de Edimburgo (1927-1946), e posteriormente como Diretor do Institute of Archaeology em Londres (1946-1956). Quando foi indicado para a vaga em Edimburgo, Childe já estava com 35 anos, e ocorreu somente cinco anos depois de ele se comprometer definitivamente com a arqueologia. Entre 1917 e 1922, ainda que tenha tido um desempenho acadêmico espetacular, Childe havia embarcado em uma carreira de política sindical, viveu sua jovem vida adulta imerso no fermento das lutas e ideias que seguiram a I Guerra Mundial.

¹ Agradeço a Peter Gatercole, David Harris e Steve Roskams, e todos que leram esse artigo antes da publicação e contribuíram com comentários e críticas

Childe nasceu em uma família conservadora de classe média, em Sidney, Austrália, mas começou a ser alvo de influências radicais enquanto estudava na Universidade de Sidney, onde se graduou em 1914 com méritos de melhor aluno em Latim, Grego e Filosofia. Ganhou uma bolsa de estudos em Oxford, onde estudou arqueologia clássica de 1914 até 1917, se envolvendo profundamente no movimento anti-guerra inglês. Quando retornou a Austrália, Childe era um comprometido “guild socialist”, tornando-se politicamente próximo de G.D.H. Cole².

Austrália era um caso único em 1917, onde se vivia a experiência de um governo do Partido Trabalhista³, eleito recentemente. O movimento sindical era grande, militante e fortemente influenciado por ideias sindicalistas de controle operário. Por um lado, havia a forte e orgânica relação entre o Partido Trabalhista e os sindicatos, e por outro lado os Trabalhadores Industriais do Mundo (Wobblies) agitavam “Um Grande Sindicato”⁴ e dirigiam ações que buscavam uma mudança efetiva na sociedade. O vibrante movimento operário australiano sustentou uma intelligentsia radical e autoconfiante – justamente o ambiente social de Childe- que acreditava que a Austrália poderia ser um “laboratório social” para a revolução.

A guerra havia polarizado a sociedade. De uma população de cinco milhões de pessoas, mais de 400.000 voluntários foram enviados para as trincheiras, dos quais metade acabaram virando baixas. Apesar dos números crescentes, o governo trabalhista criou uma proposta de recrutamento, e acabou enfrentando uma derrota em um referendo que tratava do tema em outubro de 1916. O primeiro-ministro trabalhista Billy Hughes então dividiu⁵ seu partido ao meio e aliou-se aos Liberais para formar o Partido Nacionalista, ganhando as eleições em Maio de 1917, e naquele mesmo Dezembro perdeu o segundo referendo sobre o recrutamento obrigatório.

O governo de Hughes reagiu de maneira histórica a todas as formas de dissidência e críticas. Em junho de 1916, Childe se tornou secretário assistente do recém-formado Sindicato Australiano de Controle Democrático para o Rechaço à Guerra⁶, e foi um dos vários radicais alvos de espionagem pela inteligência militar australiana (MULVANEY, 1994, p. 58). Entrou também na lista negra da “aristocracia fossilizada que compunha o senado da Universidade de Sidney” (EVANS, 1995, p. 2). Depois de participar em uma conferência de paz radicalizada na Páscoa de 1918 – que declarou em seu relatório oficial de que “apenas através da abolição do sistema capitalista a justiça poderá ser assegurada e as causas dos embates internacionais permanentemente removidos” (GREEN, 1981, p. 27-31) - Childe foi forçado a resignar da nova posição na universidade que lhe haviam oferecido, e teve imediatamente sua aplicação para uma bolsa na Associação Educacional de

² N.T. – Em algumas obras, esse movimento foi traduzido para o português como “Socialismo Cooperativo” ou “Socialismo de Guildas”. Foi um importante movimento político no início do século XX, principalmente na Inglaterra. Defendia o controle operário das fábricas através de organizações de base, as guildas. Para mais informações ver Cole, G.D. *Guild Socialism Restated*. Transaction Publisher: London.1980.

³ N.T. – O Partido Trabalhista australiano possui raízes e ideologia muito semelhantes ao Labour Party inglês naquele momento, uma organização de centro-esquerda, mas ainda profundamente arraigada na dinâmica das eleições burguesas, e profundamente diferentes dos partidos da social-democracia alemã e russo.

⁴ N.T. – Do inglês Industrial Workers of the World. Ganham a alcunha de Wobblies, na primeira década do século XX. Organização sindical enraizada na classe operária, principalmente nos Estados Unidos. Chegaram a ter mais de 150.000 membros espalhados pelos EUA, Canadá e Austrália. Defendiam um sindicalismo operário revolucionário, ao redor do conceito de One Big Union, um método de organização de criação de uma grande frente operária mundial.

⁵ N.T. – Billy Hughes na verdade foi expulso do Partido Trabalhista depois de liderar uma ruptura à direita das pautas tradicionalmente defendidas pelo antigo partido. Um dos principais motivos da ruptura foi justamente a polêmica em relação ao recrutamento obrigatório de soldados para a Guerra.

⁶ Australian Union of Democratic Control for the Avoidance of War.

Trabalhadores bloqueada. Posteriormente, foi expulso de seu emprego em uma escola primária depois de sofrer uma campanha orquestrada pela mídia local, estes reconhecidamente pró-guerra, e acabou como funcionário do governo regional. Childe pagou um preço bastante alto por suas opções políticas.

Por fim, acabou resgatado com a nomeação, em agosto de 1919, para o primeiro de uma série de cargos no escritório de John Storey, na época líder Trabalhista da oposição em Nova Gales do Sul, que a partir de 1920 tornou-se primeiro ministro estadual. Por quase três anos Gordon Childe – ativista anti-guerra, defensor do poder operário e amigo dos Wobblies – via-se no centro de uma administração pública de característica reformista. O resultado dessa experiência foi o seu primeiro livro, *How Labor Governs: A Study of Worker's Representation in Australia*, publicado em 1923.

A visão política de Childe nesta época era uma mistura centrista de *guild socialism*, “*One Big Unionism*”, trabalhismo, e até mesmo tendências bolcheviques, (ele descreve os Wobblies como “*antecedendo a ditadura do proletariado Bolchevique*”) (MADDOCK, 1995, p. 111). Centristas são ativistas que se movem entre o reformismo e o socialismo revolucionário em um período de radicalização, mantendo elementos de ambos em suas perspectivas e ações. Se a luta de classes avança, podem se tornar mais revolucionários. Se ela se retrai, a maioria recai para o reformismo ou inatividade política. Depois de 1921, a militância da classe operária e as expectativas em relação à revolução começaram a diminuir – tanto na Austrália como ao redor do mundo – e Childe, de alguma maneira, foi tomado pelo ritmo de trabalho no alto escalão do governo, onde as pressões para a acomodação no sistema eram especialmente intensas. Mas ao invés de retroceder do radicalismo, Childe produziu uma devastadora, e ao mesmo tempo altamente original, crítica à prática reformista.

Anunciando desde o princípio que a “*atual organização da sociedade envolve em algum grau a exploração e a escravidão dos operários*”, Childe (1954, p. 11) descreve os dados recordes de exportação que caracterizaram os vinte anos anteriores da história do Trabalhismo Australiano. Ele atacou ambos os políticos reformistas como sindicatos oficiais com toda a amargura de um ativista desiludido. Se focou especialmente no caminho pelo qual a hostilidade aos Wobblies expôs o falso radicalismo oficial do Partido Trabalhista. Mas sua análise era limitada – denuncia que era simplesmente uma questão de “oportunismo covarde e egoísta” e uma disputa por “honras políticas” - e as conclusões foram bastante pessimistas (CHILDE, 1964, p. 55). Inclusive aventurou-se em fazer previsões sombrias sobre a iminente corrupção política dos Wobblies:

Ainda que um Grande Sindicato possa ser construído, ele terá que sacrificar seu idealismo revolucionário e irá se degenerar naquele estado de mecanismo sem alma que parece dominar todas as atividades do Trabalhismo na hora de seu aparente triunfo. Como o Partido Trabalhista, começando com o um bando de socialistas inspirados, degenerou-se e se transformou em uma vasta máquina de acúmulo de poder político, mas não soube usar esse poder quando foi atingido, exceto para lucros individuais; assim, a proposta de um Grande Sindicato vai, provavelmente, se tornar apenas um gigante aparato apenas para a glorificação de algumas lideranças. Essa é a história de todas as organizações Trabalhistas na Austrália, e não é porque sejam australianas, e sim porque são Trabalhistas. (CHILDE, 1964, p. 180-181).

Childe permaneceu socialista, mas não se tornou um revolucionário. Ele não se convenceu da centralidade da classe operária na revolução e seu potencial para derrubar o estado capitalista existente e suplantá-lo por um sistema de poder democrático baseado em conselhos populares forjados na revolução: lições básicas da Revolução Bolchevique.

Sem essa visão, não era possível ter uma perspectiva estratégica – nem entender que aquela crítica feita anteriormente não era simplesmente uma questão de descuido moral, mas sim uma questão estrutural relacionada à maneira com que os partidos trabalhistas e as burocracias sindicais funcionam como mediadores do conflito de classes do sistema, ao invés de servirem como instrumentos revolucionários de mudanças. Childe não capitulou, mas acabou preso em um impasse político construído pelas contradições do centrismo.

Ele estava em Londres quando tomou conhecimento de que havia perdido seu emprego, em abril de 1922, depois da derrota eleitoral do Partido Trabalhista na Austrália. Childe decidiu ficar na Inglaterra, e um pouco tempo depois, ainda que estivesse politicamente ativo, se comprometeu com o estudo da pré-história. As visões sobre o passado que ele criou foram ricamente influenciadas pelas experiências pessoais de uma política combativa em uma grande época de guerras e revoluções entre 1914 e 1921.

MAPEANDO A PRÉ-HISTÓRIA EUROPEIA

Childe se dispôs à tarefa convencional, mas ambiciosa, de explicar “*a origem da civilização europeia como uma manifestação peculiar e individual do espírito humano*” (CHILDE, 1957, p. 13). Para isso, criou uma grande síntese do conhecimento arqueológico existente até aquele momento acerca das culturas pré-históricas na Europa. O termo “cultura” é usado em um sentido específico na arqueologia, se refere ao aparecimento no registro arqueológico de conjuntos uniformes de materiais em um determinado ponto no tempo e no espaço, ou, como afirma Childe (1929, p. 5-6), “*certos tipos de vestígios – potes, implementos, ornamentos, rituais de sepultamento, formato de habitações – ocorrendo de maneira conjunta, recorrentemente*”. Esses conjuntos de cultura material são comumente vistos como representação de diferentes grupos sociais no passado – tribos, pessoas e, em alguns casos, “raças”.

Ele estava convencido de que as raízes da civilização Europeia estavam nas civilizações do Oriente Próximo, como Mesopotâmia e Egito, e que aquelas ideias (as inovações) tinham sido transmitidas de lá até o vale do rio Danúbio (ao contrário da teoria popular de que teriam vindo pelo Mediterrâneo). Para responder a sua pergunta, Childe viajou por todo o sudeste da Europa, aproveitando-se da situação econômica em crise e massiva inflação pós-guerra, estudando coleções de museus, visitando sítios, entrevistando arqueólogos locais, consultando relatórios e produzindo notas e desenhos. Contribuiu muito por sua fenomenal memória visual, combinada com a rapidez com que conseguia decifrar línguas europeias obscuras.

Cinco livros são publicados rapidamente⁷, um em seguida do outro, congregando uma visão panorâmica e completa do atual conhecimento existente sobre a pré-história europeia e sua integração com as sequências cronológicas já estabelecidas para as civilizações do Oriente Próximo. O impacto foi enorme, a publicação do primeiro destes livros, - *A Aurora da Civilização Europeia*⁸ – assegurou a Childe uma posição na Universidade de Edimburgo. Este livro foi posteriormente descrito pelo renomado arqueólogo britânico Glyn Daniel (1975) como “*um novo ponto de partida para a arqueologia pré-histórica*” (1975, p. 247).

⁷ Estes livros foram: *The Dawn of European Civilization* (1925), *The Aryans* (1926), *The Most Ancient East: The Oriental Prelude to European Prehistory* (1928), *The Danube in Prehistory* (1929), e *The Bronze Age* (1930).

⁸ *The Dawn of European Civilization*.

Mas Childe havia entrado em águas perigosas. Quando começou a trabalhar, a arqueologia estava se desenvolvendo em duas linhas paralelas: alguns acadêmicos continuavam primordialmente interessados em construir sequências cronológicas, onde observavam a progressiva evolução da sociedade humana como um todo; outros, influenciados pelo nacionalismo e pelo racismo que prevalecia na Europa no auge do imperialismo, estavam ocupados buscando traços culturais de raças puras. Enquanto o primeiro livro de Childe expôs a ideia de uma expansão de cultura material desde o Egito e Mesopotâmia até a Europa, seu segundo livro, *The Aryans*, foi concebido como um estudo complementar, com o objetivo de demonstrar os benefícios deste processo de difusão que teriam sido absorvidos por um grupo específico de colonizadores “Arianos” na Europa. Os Arianos foram linguisticamente definidos como falantes de uma linguagem Indo-europeia arcaica, do qual surgiram muitas línguas modernas. Foi empreendido um grande esforço em detectá-los arqueologicamente, especialmente na Alemanha, onde Gustav Kossina procurou provar a “pureza” – e consequente “superioridade- Indo-europeia dos alemães” (TRIGGER, 1980, p. 25-26).

Conjuntos materiais (culturas, do ponto de vista arqueológico) são comumente vistos como representantes do passado de grupos sociais (culturas do ponto de vista sociológico), no entanto, há uma série de problemas com essa equação. Culturas são difíceis de definir, identidades culturais podem se sobrepor, e as formas de expressão cultural são dinâmicas e mutáveis. Importantes divisões sociais são normalmente obscurecidas por uniformidade cultural e, inversamente, importantes conexões podem atravessar diferenças culturais.

Childe era ambíguo em relação ao conceito de raça em “*The Aryans*”. Por um lado, afirmava que “*o duradouro presente deixado pelos Arianos aos povos conquistados não foi nem uma cultura material superior, ou uma psiquê maior, mas sim uma excelente linguagem e a mentalidade que ela gera*” (CHILDE, 1926, p. 211). Por outro lado, dizia:

O fato de os primeiros Arianos serem Nórdicos não é algo menor. As qualidades físicas dessa linhagem permitiram que eles, através do uso de sua força superior, conquistassem povos ainda mais avançados, e dessa maneira imporem sua linguagem em áreas nas quais seu tipo corporal praticamente tenha desaparecido. Esta é a verdade subjacente aos panegíricos dos Germânicos: a superioridade física dos nórdicos os preparou para serem veículos de uma língua superior. (CHILDE, 1926, p. 211-212).

Em 1933 Adolf Hitler se tornou chanceler na Alemanha. Sua missão foi criar uma fantasia racial acerca da superioridade ariana. E Kossina foi o arqueólogo favorito dos nazistas.

Diante deste horror, Childe recuou. Ele efetivamente renegou o próprio livro. *The Aryans* nunca foi reeditado, e dificilmente é citado; sua tese central – de que características linguísticas e étnicas podem explicar desenvolvimento cultural – foi completamente abandonada (TRIGGER, 1980, p. 52). Tão comprometido tanto com a luta contra o fascismo nos anos 1930, quanto com a guerra imperialista de 1914-18, Childe agora jogava fora um paradigma explicativo que havia se tornado central na arqueologia europeia. Daqui em diante, passou a explicar o desenvolvimento cultural não pelo movimento de pessoas, mas pelo crescimento e compartilhamento de conhecimento.

TRAÇANDO O DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Na segunda fase de sua carreira acadêmica, ainda que não tenha abandonado a noção de “história cultural”, Childe focou-se na perspectiva de utilizar os vestígios materiais para traçar a progressiva evolução das sociedades humanas ao longo do tempo. Foi fortemente influenciado pelo esquema evolucionista proposto no século XIX pelo antropólogo norte-americano Lewis Morgan, e então adotado e desenvolvido por Frederick Engels no *Origem da Família, Propriedade Privada e Estado* (1884). Engels propôs uma progressão economicamente determinada a partir uma “selvageria” caçador-coletora, passando pelo “barbarismo agricultor”, e culminando com as “civilizações” urbanas do Egito, Mesopotâmia, Grécia e Roma. Childe construiu uma versão modificada e mais elaborada deste esquema, o apresentando em uma série de publicações de referência entre 1934 e 1946, algumas delas são grandes sínteses, outras estudos de casos detalhados que refletem seu engajamento particular com a cultura material do norte britânico, fruto de sua estadia enquanto catedrático em Edimburgo⁹.

O modelo Morgan-Engels tinha sido adotado na União Soviética, país que Childe visitou pela primeira vez em 1935, quando entrou em contato com arqueólogos soviéticos. Lá ele familiarizou-se com os materiais e permitiu-se ser influenciado pelo quadro teórico que estavam utilizando para estruturar os dados arqueológicos. Foi a primeira vez também que Childe – reagindo como muito ativistas de esquerda diante da miséria, da grande depressão e da ascensão do nazismo – se tornou simpático ao Stalinismo. Ainda que não tenha se tornado membro do Partido Comunista Britânico, foi leitor regular do seu jornal, o *Daily Worker*, comumente participou como orador em eventos organizados pelo partido, atendia a reuniões do Grupo de Historiadores do Partido Comunista, e foi um defensor enfático da amizade e do contato cultural com o União Soviética. Resumindo, ele foi, durante as duas décadas seguintes, orgulhosamente e publicamente, o que é tipicamente descrito como um “simpatizante”¹⁰.

Mas essa relação com as interpretações soviéticas acerca da pré-história nem sempre foi direta e clara. Childe introduziu diversos e importantes refinamentos “não ortodoxos” ao esquema Morgan-Engels. Primeiro, rejeitou duramente a ideia de uma evolução social como algo gradual, suave e progressivo, ele acrescentou duas quebras revolucionárias na sequência histórica, comparáveis à Revolução Industrial, esta responsável por dar à luz ao capitalismo moderno. Estes dois pontos de inflexão foram a Revolução Neolítica, que marca a transição de caçador-coletor para uma existência baseada em cultivo de plantas e acumulação de recursos, e a Revolução Urbana, que marca a seguinte transição para cidades baseadas em sociedades “civilizadas”. A lógica deste pensamento é que longos períodos de relativa estagnação poderiam ser seguidos de repentinos saltos à frente. Uma acumulação de inovações – “metalurgia, a roda, o carro de boi, as matilhas e o barco à vela” no caso da Revolução Urbana na Mesopotâmia, por exemplo – poderia prover a base para um avanço “revolucionário” repentino para um novo e superior estágio da sociedade (CHILDE, 1942, p. 89).

⁹ Estas publicações são: *New Light on the Most Ancient East: The Oriental Prelude to European Prehistory* (1934), *The Prehistory of Scotland* (1935), *Man Makes Himself* (1936), *Prehistory Communities of the British Isles* (1940), *What Happened in History* (1942) e *Scotland Before the Scots* (1946). Os volumes sobre pré-história britânica são basicamente estudos histórico-culturalistas bastante detalhados, mas também refletem a nova concepção de Childe sobre evolução social.

¹⁰ N.T. – Do inglês *fellow traveler*. Esta expressão é uma tradução literal do russo *poputchik*, que significa “aquele que viaja no mesmo caminho”. Foi popularizada por Trotsky para definir os intelectuais russos que vacilavam em apoiar completamente o governo Bolchevique nos anos iniciais da revolução russa.

Em segundo lugar, Childe negou a ideia de que a progressiva evolução fosse inevitável, insistindo na perspectiva de que as sociedades humanas eram essencialmente conservadoras e requeriam choques externos para provocar inovação e avanço. Cambio climático, dessecação e o declínio da oferta de suprimentos naturais, por exemplo, eram usados para explicar o processo de Revolução Neolítica, e não eram os caçadores mais avançados os que teriam “revolucionado” suas sociedades, e sim “*grupos mais humildes que criaram culturas menos especializadas e menos brilhantes mais ao sul*” (CHILDE, 1942, p. 48).

Terceiro, se a evolução social estava marcada por altos e baixos, Childe argumentava que isso poderia ser explicado por “contradições internas e externas”, que poderiam bloquear o progresso, ou até mesmo causar regressão. Sociedades da Idade do Bronze, por exemplo, tinham se deparado com a barreira de que o cobre e o estanho, matérias-primas essenciais para sua metalurgia, estavam disponíveis apenas em oferta limitada (uma contradição externa). Por outro lado, Childe culpou a falta de inovação tecnológica entre 2600 a.C. e 600 a.C. ao conservadorismo, misticismo e desperdício de uma classe dominante de sacerdotes e sua burocracia de escribas nas cidades mesopotâmicas (uma contradição interna) (TRIGGER, 1980, p. 108-109).

Finalmente, devido à complexa interação entre meio ambiente, tradição, inovação e “contradição”, Childe defendia que não houve uma forma única de sequência de desenvolvimento social. A longo prazo, era possível detectar um padrão de conhecimento acumulado, crescimento de produtividade e sucessivamente estágios mais altos de desenvolvimento social. Mas dentro deste quadro, cada sociedade teria tido suas próprias características e trajetória: tiveram sua própria história. Essa perspectiva, de fato, foi essencial para o projeto principal de Childe – compreender o nascimento da civilização Europeia – já que a Europa tinha adotado as inovações provenientes do Oriente Próximo e levado adiante. Pelo fato de a Europa no passado ter sido menos burocrática e menos religiosa¹¹, defendia ele, seus trabalhadores tiveram liberdade para desenvolver o potencial máximo das novas tecnologias:

As sociedades europeias nunca foram recipientes passivos das contribuições orientais, exibiram mais originalidade e inventividade no desenvolvimento de invenções orientais em comparação aos seus herdeiros diretos do Egito e da Ásia Central. Isso é mais claro durante a Idade do Bronze na Europa. No Oriente Próximo, muitos tipos de metal permaneceram inalterados por dois mil anos; na Europa, uma evolução extraordinariamente rápida de ferramentas e armas, com multiplicação de tipo, ocorreu em um quarto deste tempo. (CHILDE, 1967, p. 342-343).

A visão de Childe era de que em uma economia global onde as sociedades fossem entrelaçadas em redes de comunicação, as novas ideias poderiam se espalhar e se generalizar. Assim, se uma inovação fosse bloqueada em um lugar, poderia avançar em outro, e a humanidade como um todo se moveria para frente. Em termos arqueológicos, o Childe “evolucionista” permaneceu “difusionista”.

O conceito de difusão sempre foi central para sua visão sobre o passado. O seu ponto de partida foi a crença na difusão de inovações do Oriente Próximo em direção à Europa, ao longo do vale do rio Danúbio. Agora, esse conceito tinha se tornado a principal e nova arma em resposta à arqueologia racista dos Nazistas. No entanto, a aplicação dessa hipótese também o colocou em desacordo com o Stalinismo ortodoxo.

¹¹ N.T. – No original: *priest-ridden*

A DIFUSÃO DA CULTURA

Em 1933, Childe ditou uma série de palestras e publicou dois artigos atacando os abusos nazistas sobre o conceito arqueológico de cultura:

No passado pré-histórico, como obviamente também é hoje, a cultura era independente da raça física, não era uma questão de hereditariedade biológica, mas de tradição social. A ignorância desse fato, ou melhor, o uso descuidado da palavra raça como cor ou teoria biológica para um grupo pré-histórico caracterizado por uma cultura peculiar, naturalmente reforçou a falsa analogia entre homem e animal ao confundir “higienistas raciais” e seus intérpretes políticos. Se substituirmos a palavra “raça” neste contexto por “pessoas”, é possível que mais facilmente evitemos tais confusões. (CHILDE, 1933, p. 417).

Mas a arma decisiva em seu arsenal antifascista foi o conceito de difusionismo ao explicar o desenvolvimento cultural.

Evolucionismo e difusionismo são comumente contrapostos de maneira forte na arqueologia. E não necessariamente precisam ser. Childe combinou ambos, acreditava que as sociedades evoluíam a sua própria maneira, mas eram fortemente influenciadas pela difusão das ideias oriundas de outros lados. Isso parece tão correto que é até difícil imaginar como os acadêmicos sérios podem argumentar o contrário. Nem o difusionismo extremo (a ideia de que todas as inovações partem de um centro de desenvolvimento tecnológico em direção a uma periferia menos ilustrada) ou o evolucionismo extremo (a ideia de que cada sociedade se constitui como uma unidade integrada e completa que se desenvolve de maneira independente) são convincentes. Essas observações objetivas, no entanto, significaram a ruína das fantasias arqueológicas de imperialistas, nacionalistas e racistas, e Childe sempre esteve ciente disso. *Os Arianos*, apesar de algumas passagens infelizes, não é em geral um texto racista, tal qual Bruce Trigger (1980), historiador do pensamento arqueológico, explica:

Ao universalizar esse conceito (de heterogeneidade cultural) ele (Childe) procurou refutar o argumento de Kossina de que a grandeza alemã era resultado de sua pureza cultural e racial. Childe elencou os benefícios que resultaram da migração, comércio e outras formas de contato cultural. Afirmou que a mistura de povos com cultural distintas aumentou o estoque de ideias disponíveis em uma região e encorajou o progresso ao perturbar as formas estabelecidas de fazer as coisas” (TRIGGER, 1980, p. 47).

Mas essa não era a visão dos arqueólogos Soviéticos. Enquanto Childe apresentava seu “difusionismo moderado” com crescente confiança e vigor durante os anos 30 – conscientemente visando que seja um argumento contra o fascismo – a arqueologia Soviética aderiu a uma forma de evolucionismo extremo:

Arqueólogos foram obrigados a abandonar a crença de que a cultura material se desenvolve em virtude de alguma lógica interna, e portanto, independente da sociedade. Em vez disso, se assumiu que as tecnologias se desenvolvem devido a contradições internas nas sociedades. Isso exigia que, em qualquer explicação sobre mudança cultural, a ênfase principal fosse colocada no desenvolvimento da sociedade. A sequência padrão de períodos tecnológicos foi substituída por uma sequência unilinear de estágios sociais, cada um dos quais caracterizado por forças produtivas, relações de produção e ideologias distintas. Esses estágios

foram chamados de sociedade pré-clã, sociedade de clã ou sociedade de gentio...e sociedade de classes... A migração foi descartada como um modelo de explicação no registro arqueológico, e grande ênfase era dada no desenvolvimento paralelo independente. (TRIGGER, 1980, p. 93).

A “teoria dos estágios” – de evolução independente através de uma série de etapas de desenvolvimento determinados – não era oriunda de evidências materiais ou de trabalhos de campo: era imposta desde acima. Neste ponto, uma pequena digressão é necessária. É necessária pelo fato de Childe ter confundido a ideologia stalinista oficial da União Soviética nos anos 1930 com o marxismo, e todo debate que Childe realizou sobre a teoria marxista, depois deste momento, é permeado por essa confusão. Não encontrei nenhum artigo acadêmico, de autoria de Childe ou sobre ele, que inequivocamente rejeite a básica equação entre as teorias de Marx e a ideologia de Stalin. Esse buraco-negro de más-interpretações impediu o desenvolvimento de avaliações adequadas sobre a suposta perspectiva marxista de Childe.

Marxismo pode ser definido como a teoria e a prática da revolução operária internacional¹². O proletariado é o primeiro sujeito de classe na história com interesse universal na emancipação humana – um reflexo do seu caráter único como força de trabalho coletiva integrada a uma economia global, onde somente é possível assumir o controle da economia, transformar a sociedade e se auto emancipar através de uma ação coletiva e global. A luta de classes do proletariado, imbuída desse potencial revolucionário, é portanto, a base do marxismo e de uma tentativa de compreender a história humana como um todo, através de uma análise científica crítica.¹³ A tradição marxista autêntica está inextricavelmente ligada à luta de classes dos trabalhadores. Não pode ser adotada e utilizada por outras formas sociais sem deixar de ser marxismo.

O Partido Bolchevique de 1917, enraizado na classe operária revolucionária, era uma organização completamente marxista. Esse partido e a democracia operária que ele ajudou a criar foram destruídos durante os anos 1920¹⁴. O processo culminou com uma sangrenta contrarrevolução na medida em que uma nova classe dominante de burocratas do partido estatal impôs-se acima da sociedade e, à um custo enorme para o povo da União Soviética, engajaram-se em uma grande competição de poder com outros estados, construindo uma economia capitalista de estado baseada na indústria pesada e de armamentos. O novo regime reivindicou sua legitimidade com base na Revolução de 1917, sua propaganda foi, portanto, construída com jargões pseudo-marxistas. Mas a ideologia stalinista tinha muito pouco em comum com o marxismo revolucionário de Lenin e Leon Trotsky, assim como os comitês de *apparatchiks*¹⁵ e capangas que governaram a União Soviética na década de 1930 não tinham qualquer relação com os comitês de operários de 1917. A forma era algumas vezes similar, mas o conteúdo foi sempre profundamente diferente.

O poder da revolução de 1917 refletiu-se nas forças que tiveram que ser mobilizadas para derruí-la. Somente a mais brutal, repressiva e totalitária das ditaduras foi suficiente para obliterar a democracia revolucionária. Isso impactou todos os aspectos da sociedade soviética – incluída a disciplina acadêmica da arqueologia. Tendo abandonado o

¹² Para uma brilhante síntese de argumentos, ver Molyneux, 1985.

¹³ A comparação aqui é com as ideologias políticas e teorias acadêmicas que refletem os interesses particulares de outras classes não operárias, tanto no passado como no presente.

¹⁴ Para uma excelente e detalhada análise da degeneração e eventual destruição da Revolução Russa, ver Haynes, 2002.

¹⁵ N.T. Expressão somente utilizada na URSS, para definir os funcionários do partido no aparato burocrático estatal. Em geral, não é traduzido nas publicações em português.

internacionalismo revolucionário, Stalin defendia estar construindo o “socialismo em um só país.”, e com a democracia operária suprimida, a tarefa seria realizada por uma máquina partidária poderosa. Como se fosse um procedimento burocrático, a (inevitável) progressão para o socialismo seria ordenada e previsível. De acordo a essa lógica, os arqueólogos soviéticos foram ordenados a interpretar a pré-história como uma sucessão de estágios pré-ordenados e, além disso, como uma sociedade que poderia prosseguir de maneira independente – na verdade, em completo isolamento – do resto do mundo. Defender a difusão (o compartilhamento de ideias entre sociedades como um mecanismo vital na evolução social) era considerado reacionário; dissidentes corriam o risco de irem à prisão ou pior (o que significou para Childe um duradouro descrédito pelo fato de ele nunca ter protestado contra a perseguição de colegas acadêmicos na União Soviética).

O stalinismo interpretou o passado como uma sucessão mecânica de estágios predeterminados de desenvolvimento social independente. A moderava difusão cultural que Childe defendia, com suas características de fertilização cultural cruzada e global e diferentes histórias políticas, era, portanto, um anátema não apenas para os fascistas que povoaram o passado com raças superiores conquistadoras, mas para também para os stalinistas, que Childe considerava como mentores. A visão de Childe era muito mais próxima em espírito com as teorias de Trotsky de “desenvolvimento desigual e combinado” e “revolução permanente” do que dos dogmas rígidos do “socialismo em um só país”. Sua lealdade política pública e seus brilhantes insights acadêmicos se encontravam em forte contradição. Essa contradição intensificou-se ao longo de sua vida, e provavelmente desempenhou um papel no fim dela.

O DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO

História-cultural, evolução social, difusão do conhecimento: estes foram os pilares da percepção de Childe acerca do passado pré-histórico. No terceiro estágio de sua carreira, refletindo sobre o descenso da civilização burguesa em direção à barbárie fascista, guerra mundial e bomba atômica, ele tornou-se mais preocupado com o “progresso” – como ocorreu, como se deu, como se tornado inevitável.¹⁶

Progresso pode ser definido como a acumulação de conhecimento efetivo que torna possível um melhor controle sobre a natureza, incrementando produtividade do trabalho e um estoque maior de recursos disponíveis para a satisfação das necessidades humanas. Pelo fato de Childe rejeitar a noção de uma natureza humana fixa e de leis universais de desenvolvimento social que pudessem dar origem a um ímpeto permanente para o progresso, no sentido que acabamos de definir, ele negou que o progresso era inevitável. Por centena de milhares de anos, por exemplo, os habitantes da Idade da Pedra na Europa não haviam feito qualquer tipo de “progresso”, usando o mesmo conjunto de simples ferramentas lascadas. Inclusive posteriormente, no período Medieval, a continuidade ao invés de mudança, dominou a experiência humana. Um camponês europeu do século XV poderia viver toda sua vida sem nunca ter experimentado uma inovação significativa em tecnologias domésticas ou agrícolas. Somente o capitalismo, como observou Marx no Manifesto Comunista, foi possível de mudar a norma:

A burguesia não pode existir sem constantemente revolucionar os instrumentos de produção, e portanto, as relações de produção, e por conseguinte, todas as relações sociais. A conservação inalterada dos

¹⁶ Importantes trabalhos deste período incluem *History* (1947), *Social Evolution* (1951) e *The Prehistory of European Society* (1958).

antigos modos de produção era a primeira condição de existência de todas as classes industriais anteriores. A transformação constante da produção, a perturbação ininterrupta de todas as condições sociais, a incerteza e a agitação eternas distinguem a época burguesa de todas as anteriores. As relações rígidas e enferrujadas, com suas representações e concepções tradicionais, são dissolvidas, e as mais recentes tornam-se antiquadas antes que se consolidem. Tudo que é sólido se desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado, e o homem é finalmente forçado a enfrentar com sobriedade suas reais condições de vida e suas relações recíprocas.” (MARX, 1973, p. 70-71).

Progresso nas sociedades pré-capitalistas, portanto, era acidental, de certa forma contingente a eventos excepcionais, e comumente impedido por “contradições internas e externas”. No entanto, o progresso ocorreu, e para Childe era um tema de grande importância, tanto para explicar o surgimento da civilização Europeia como para globalmente poder avaliar a história e as perspectivas da humanidade de conjunto.

Em sua crença na possibilidade, desejo e realidade do progresso, Childe foi, é claro, um homem do Iluminismo - assim como Marx havia sido. Ele estava murchoando frente à condenação do fato de que as classes dominantes bloqueiam o progresso, desperdiçando recursos na guerra, religião, monumentos e luxo. As grandes disputas dinásticas do fim da Idade do Bronze, da qual a Guerra de Tróia de Homero é o exemplo mais conhecido, desperdiçaram os recursos acumulados da humanidade. Os templos zigurates na Mesopotâmia, as pirâmides no Egito, os monumentos megalíticos do Neolítico e da Idade do Bronze na Europa foram exemplos de desperdícios prodigiosos a serviço de falsas ideologias, contribuindo em nada para a evolução social. O preenchimento de túmulos com tesouros esplendidos como o do faraó Egípcio Tutancâmon, são demonstrações de consumo notáveis e extravagantes que drenaram recursos das atividades produtivas.

Progresso, por outro lado, era dependente à “consciência verdadeira” ou “conhecimento”, que por corresponder à realidade externa, era um guia eficaz para a ação humana. Além disso, esse era o verdadeiro objetivo da arqueologia para Childe, porque os resultados dos conhecimentos estavam diretamente representados nas estruturas e artefatos em que se incorporavam. Magia e religião, por outro lado, pelo fato de não terem lastro na realidade e serem restringidas pela exigência da prática, constituíram-se como mundos de pensamento muito obscuros e variáveis para serem facilmente reconstruídos a partir dos vestígios materiais. Eles eram, de todos os modos, efêmeros, como becos culturais sem saída. O que tinha importância era o conhecimento, e foi isso que a arqueologia pôde, como de fato aconteceu, melhor estudar.

Childe argumenta que progresso é acumulação de conhecimento, e que o verdadeiro conhecimento é sempre prático, ou pelo menos potencialmente prático. E vai além, defende que a separação entre teoria e prática, entre mente e matéria, entre alfabetização e trabalho foram barreiras para o progresso. “*Magia é a maneira com que as pessoas acreditam que podem conseguir o que querem*”, disse ele, “*enquanto a religião é um sistema para persuadi-los de que devem querer o que querem*” (CHILDE, 1958a, p. 96). Mais do que isso, as religiões para Childe eram uma mistura de governantes e sacerdotes que não tinham relação com o mundo da produção, e olhavam com desprezo para o trabalho prático:

O descenso dos artesãos a classes mais baixas os excluiu da alfabetização e afastou o conhecimento científico dos escribas egípcios e sumérios sobre temas como ciências de minas, fundição, metalurgia e cerâmica. A tradição do ofício não podia ser escrita, mas continuou sendo transmitida através do exemplo. Justamente por essa razão é que tais atividades permaneceram empíricas e particulares, ao mesmo tempo que

a ciência ensinada não foi difundida através da experiência adquirida na prática de oficinas. (CHILDE, 1958a, p. 96).

Bem diferente era o status do trabalhador no mundo social mais livre da Idade do Bronze na Europa. Neste caso, metalúrgicos “*não possuíam relação de dependência com qualquer patrão ou com uma sociedade tribal em específico*” (CHILDE, 1958a). Isso significava que seus serviços eram continuamente solicitados, e gozavam de alto status, além de serem livres para compartilhar ideias e inovar:

Um mercado desse tipo oferecia todos os incentivos à originalidade por parte dos produtores. Ao mesmo tempo, sua itinerância e contatos comerciais distantes contribuíam fertilizando o gênio nativo. Eles encontravam na fronteira de seus territórios colegas trabalhando para satisfazer os distintos desejos de outras sociedades, e talvez, utilizando minérios ou metais de diferentes composições. Entre as mercadorias que manuseavam, podiam ter contato com produtos de diferentes e distantes escolas de metalurgia, de modo a comparar com as que conheciam. Assim, a peculiar estrutura da indústria europeia do bronze induziu a uma combinação eficaz de experiências, adquiridas em diferentes localidades, e provenientes de tradições evocadas por gostos populares distintos. Como resultado, as pessoas que trabalhavam com bronze na Europa neste momento exibiam uma inventividade e engenhosidade em um grau excepcional. (CHILDE, 1958a, p. 169-170).

A imagem comparativa de Childe sobre artesões inventivos, relativamente livres do controle de reis, e de sacerdotes e burocratas, como os portadores e construtores do estoque de conhecimento da humanidade é bem-marcada. E essa visão tornou-se central para sua compreensão acerca do surgimento de uma civilização peculiar na Europa. Childe reivindicou a existência de um fio de continuidade vital entre os ferreiros itinerantes da Idade do Bronze com os cientistas da Renascença:

Os metecos de Atenas, os caixeiros-viajantes da Idade Média e o artesão migrante sindicalizado do século XIX são os descendentes diretos dos viajantes que acabamos de descrever. Assim os são também os filósofos e sofistas na Grécia antiga, os acadêmicos da Europa medieval e os cientistas naturais da época de Galileu e Newton, até os modernos cientistas atuais, que livremente trocam informações e conhecimentos através de publicações, correspondências e visitas, independente das fronteiras políticas. (CHILDE, 1958a, p. 173).

Aqui está presente a ideia de difusão, a cadeia vital de transmissão do conhecimento e do progresso, feita de carne e osso. Aqui também se apresenta uma visão marxista que coloca a inteligência e as habilidades do trabalhador no centro da história humana. O “*guild socialist*” de 1917 ainda estava muito vivo dentro do “simpatizante” na Guerra Fria. A trajetória de Childe durante os anos 1940 e início dos anos 1950, como a de muitos outros intelectuais ocidentais de influência marxista, foi, sem dúvida, longe dos dogmas estéreis do stalinismo. Seu trabalho, assim como o de Christopher Hill, Edward Thomson e Geoffrey de Ste Croix, antecipou a “ruptura” que surgiria do desenrolar dos processos de 1956, com a formação da Nova Esquerda. Childe é conhecido, em sua insatisfação com a ortodoxia soviética, por ter relido e reinterpretado a Marx nessa época, e isso parece se refletir no humanismo e na originalidade de suas pesquisas posteriores. Apesar disso, a compreensão de Childe sobre o marxismo permaneceu unilateral, e suas interpretações sobre a pré-história e antiguidade clássica continuaram sendo essencialmente mecânicas.

Para refletir sobre o trabalho de Childe, é necessário que sejamos claros em relação a essas limitações.

MARXISMO SEM LUTA DE CLASSES?

Gordon Childe mapeou as culturas pré-históricas da Europa, as integrou em uma sequência de evolução social, estabeleceu as linhas de comunicação e interação que as moldaram, e vistas sob a perspectiva de uma *longue durée* das Idades do Bronze, do Ferro do Neolítico, descreveu a acumulação progressiva de conhecimento e produtividade que sustentaram o surgimento da civilização. Sua visão sobre o passado desenvolveu-se como uma crítica contundente à diferentes concepções existentes até então, algumas mais estreitas e mais parciais, e outras as vezes ideologicamente distorcidas.

Difusionistas radicais, por exemplo, sustentavam que todas as antigas inovações fluíram das cidades do Oriente, assim como acreditavam que tudo que era progressivo, atualmente, era um presente para a humanidade dos modernos impérios Europeus. Childe expôs o conservadorismo e a estagnação dos antigos impérios, e contrastou isso com o avanço do progresso possível nas condições mais livres da Europa pré-histórica.

Nacionalistas extremistas buscavam na arqueologia evidências de raças-supremas cuja “pureza” garantisse “superioridade”. Childe enterrou suas fantasias embaixo de uma montanha de evidências que mostravam que as sociedades pré-históricas definham se isoladas, mas floresceram ao interagir e se misturar com outras

Evolucionistas radicais imaginavam um mundo de sociedades separadas, cada uma evoluindo independentemente por linhas similares, passando por uma sucessão de “estágios” de desenvolvimento social predeterminados. A visão de Childe, por outro lado, era ricamente histórica, em que cada sociedade tinha suas características distintas, seu desenvolvimento se dava com idas-e-vindas, às vezes avançando, às vezes estagnando e até podendo regredir, mas ainda assim sendo parte de uma corrente de desenvolvimento humano mais amplo, que a longo prazo, implicava em progressivo acúmulo de conhecimento e recursos.

As teorias de Childe também fornecem uma poderosa alternativa ao tão em voga “pós-processualismo” (a versão arqueológica do pós-modernismo). Na pré-história pós-processualista, os humanos parecem vagar em um vácuo socioeconômico, totalmente despreocupados com questões prosaicas como trabalho, produção e abastecimento de alimentos, concentrando-se em coisas essenciais como investir a paisagem com “significados” construindo “identidades” alternativas e engajando em múltiplas “negociações”.

Tudo isso fez Childe ser provavelmente o arqueólogo mais importante da história da disciplina. Mas isso por si só não o torna um marxista. Que ele foi um socialista profundamente comprometido e influenciado pelo marxismo, não há qualquer dúvida. Mas seu trabalho necessita de revisão e desenvolvimento substancial. Isso é também verdade do ponto de vista empírico: 50 anos de novos dados minaram muitas das conclusões de Childe. O exemplo mais importante é o desenvolvimento do método de datação de Carbono 14 – que estava apenas começando no fim na carreira de Childe – e que permitiu a construção de uma cronologia independente para a pré-história Europeia em relação às dinastias egípcias e Mesopotâmicas, demonstrando, entre muitas outras coisas, que o fluxo de ideias sentido Leste-Oeste (postulado por Childe) era frequentemente incorreto. Os monumentos megalíticos no Noroeste da Europa, por exemplo, são agora reconhecidamente vistos como anteriores aos do Mediterrâneo oriental.

Mas podemos facilmente separar as mudanças no conjunto de dados arqueológicos das teorias que utilizamos para organizar esses dados. Muito do quadro teórico de Childe

– histórico-culturalismo, evolução social, materialismo, difusionismo, acumulação do conhecimento – ainda permanece. Era isso que ele considerava como potencialmente de valor duradouro:

As contribuições mais originais e úteis que eu posso ter feito para a pré-história certamente não são dados novos resgatados por escavações brilhantes ou por pesquisas pacíficas de caixas empoeiradas em museus, nem esquemas cronológicos bem fundamentos ou definição de culturas arqueológicas, mas sim conceitos interpretativos e métodos de explicação. (CHILDE, 1958b, p. 69).

O problema é que esse quadro teórico não aporta a uma explicação compreensiva e coerente do passado pré-histórico e antigo. O quadro teórico é essencialmente estático. Os motores da história ainda estão faltando nas interpretações de Childe.

Em 1949, Childe submeteu um pequeno artigo intitulado “*A Defense of Prehistory*” para a revista *Antiquity*, oferecendo uma explicação sintética de sua abordagem marxista¹⁷. Ele começa explicando que a perspectiva teórica de Marx:

[...] é determinista na medida em que assume que o processo histórico não é uma mera sucessão de fatos inexplicáveis ou milagrosos, mas que todos os eventos constituintes estão inter-relacionados e formam um padrão analisável. Mas as relações não são concebidas de maneira automática. O processo não é repetitivo ou predeterminado como as operações de uma máquina, que por mais complicada que seja, retira apenas aquilo para o qual foi construída e nada mais. Ela produz um padrão, entretanto, suas porções incompletas devem se harmonizar como que já está lá embora possa haver várias combinações para completar o padrão. (CHILDE, 1979, p. 93).

Ele então enfatiza: “*a óbvia verdade é que os homens não podem viver sem comer*” assim que “*a forma como as pessoas ganham a vida deve determinar a longo prazo suas crenças e instituições*” (CHILDE, 1979, p. 93). Consequentemente:

Os marxistas tem se esforçado para mostrar que em qualquer ambiente, com o uso correto e conjunto de ferramentas e conhecimento, uma forma de organização garante um tipo de exploração suave e mais eficiente, enquanto em qualquer outro exemplo, é possível que a produção seja impedida ou mesmo paralisada. É, em geral, apenas um tipo de ideologia – instituições, crenças e ideais -manterá essa organização funcionando de maneira mais suave...Não é indivíduo humano animal que precisa ser “ajustado ao seu ambiente” para “sobreviver”, como o caso dos coelhos ou ratos. É a sociedade que deve ser ajustada, e esse ajuste....se chama cultura. (CHILDE, 1979, p. 94).

Ele explica então que, pelo fato de os ambientes naturais serem mutáveis, e porque o conhecimento foi sendo acumulado e as técnicas de produção melhoradas, “*a organização social deve ser ajustada a cada avanço, e a reorganização deve ser apoiada e*

¹⁷ Esse artigo não foi publicado até o ano de 1979 (*Antiquity*, volume 53, number 208). Artigo escrito em resposta à outro artigo publicado na mesma revista que, do ponto de vista de Childe, mal interpretava sua perspectiva. No entanto, o editor da *Antiquity* “não encontrou espaço para publicá-lo”. *Antiquity* (e ainda é) uma revista de peso, e Childe era um acadêmico internacionalmente famoso. O artigo que demorou para ser publicado tinha somente 3 páginas. Não era apenas na União Soviética que o trabalho de dissidentes era censurado.

sacramentada por inovações no comportamento institucional e crenças” (CHILDE, 1979, p. 94). O resultado foi uma sucessão evolutiva de estágios econômicos, sociais e culturais:

Hoje a arqueologia pode mostrar que as etapas lógicas – selvageria, barbárie e civilização – correspondem a uma sucessão temporal, provenientes de critérios estabelecidos pelas formas pelas quais as sociedades classificadas ganham a vida. Na verdade, a princípio, ao longo da Idade da Pedra Lascada, todas as sociedades viviam inteiramente da caça e da coleta de alimentos não domesticados que a natureza oferecia. Assim, no Neolítico, algumas sociedades começaram a produzir alimento cultivando plantas comestíveis ou criando animais para a alimentação ou combinando ambas as atividades, mas ainda sem divisão regular do trabalho e sem dependência do comércio com “estrangeiros” para qualquer necessidade da vida. Finalmente, algumas comunidades de agricultores começaram a produzir um excedente de alimentos grande o suficiente para sustentar especialistas em tempo integral que se dedicavam à indústria secundária, comércio ou organização da cooperação entre pessoas. (CHILDE, 1979, p. 94).

Enfatizou que esse esquema era “muito abstrato” e que em relação às evidências arqueológicas de sociedades pré-históricas concretas “*a aplicação desses princípios é bem mais difícil do que parece*”. No entanto, ele foi capaz de oferecer pouco em termos de contribuição teórica para ajudar com o problema de analisar formações sociais específicas no contexto do esquema evolutivo geral. Até mesmo o conceito vital de difusão foi simplesmente acrescentado no final do artigo como uma reflexão tardia (“*nenhum marxista negaria a importância da difusão*” [CHILDE, 1979, p. 95]).

O mais curioso de tudo, para uma visão pretensamente marxista, é a fase final: “*Portanto a pré-história pode, afinal, desde uma perspectiva marxista, ser a história do pensamento que Collingwood disse que toda a história deve ser*” (CHILDE, 1979, p.95). Collingwood realmente disse isso¹⁸. Marx, por outro lado, dizia que “*a história de todas as sociedades até então existentes é a história da luta de classes*” (MARX, 1973, p. 67). Em nenhum lugar do artigo de Childe há qualquer referência à classe, exploração de classe ou luta de classes. E esta ausência – como Christopher Hill e outros notaram – é notável no trabalho de Childe (MCNAIRN, 1980, p. 125). Mesmo quando ele usa o termo revolução, não era a luta de classes que ele tinha em mente. Suas Revoluções Neolítica e Urbana eram o equivalente a uma antiga e pré-histórica Revolução Industrial: rápida acumulação de conhecimento e de produtividade que possibilitaram um salto relativamente repentino para um estágio superior de desenvolvimentos social. O uso deste termo é bastante diferente daquele empregado para as Revoluções Russa, Inglesa ou Francesa, estas sim exemplos de lutas de classe culminantes.

Há muito pouco no esquema evolutivo de Childe que seja diferente do “funcionalismo” que prevalecia na sociologia britânica e americana dos anos 1950, e mais tarde, como “processualismo” na arqueologia dos anos 1960. Estas teorias descrevem as sociedades humanas como adaptações lógicas e socialmente integradas a ambientes, tecnologias e sistemas produtivos específicos. Eles desenvolveram uma visão de história tão desumanizada e deterministas quanto a da ideologia stalinista. O que está faltando – no funcionalismo, no stalinismo, e no trabalho de Childe – são os motores gêmeos da história: a competição dentro das classes dominantes, e a luta entre estas classes e as classes subjugadas. Consideremos alguns exemplos.

¹⁸ O principal trabalho de Collingwood sobre filosofia da história está em *The Idea of History* (1946).

RUMO A UMA ARQUEOLOGIA MARXISTA

A construção de proto-estados, reinos e impérios não é simplesmente o resultado da acumulação de conhecimento e excedente, como sugere a concepção simplista de Revolução Urbana de Childe. A própria existência de uma acumulação deve ser explicada em termos de competição entre elites rivais. A proteção da terra, do trabalho e dos recursos, em um mundo dividido entre comunidades e sistemas políticos independentes exige organização militar, leva a confrontos físicos e estimula especificamente a acumulação bélica. Esse movimento tem sido chamado de “acumulação política”, em contraste com a “acumulação de capital”, característica das sociedades capitalistas.

Essa dinâmica, uma vez em funcionamento, é autossustentável. Cada elite política é forçada a continuar a acumulação militar para evitar sua derrota pelas elites locais. Um dos resultados foi o choque dos impérios do leste do Mediterrâneo no final da Idade do Bronze, onde uma corrida armamentista competitiva e em câmera lenta, somada a uma série de guerras em grande escala, exauriram as sociedades e conduziram ao colapso da Grécia micênica, do Império Hitita e do Novo Reino Egípcio no século 12 a.C.

Novas evidências nos estão permitindo traçar as origens desse processo, e de observar a ascensão de elites militares no contexto de confrontos por terras e recursos entre comunidades agrícolas neolíticas emergentes do “comunismo primitivo” de caça e coleta. O controle comunal sobre as terras cultivadas e animais domesticados, e sobre os excedentes que eles produzem em certos pontos do ciclo agrário, exigia preparação militar e a existência de especialistas bélicos. Sabemos agora que na metade do quarto milênio a.C., em parte do período neolítico inicial britânico, houve uma guerra generalizada (vários esqueletos com evidências de morte por disparos de flechas e golpes na cabeça), o uso de fortes circundantes em topos de montes¹⁹ para reuniões, cerimônias e defesa (*causeway camps*), e a construção de tumbas monumentais para sepultamentos de indivíduos de alto status (*long barrows*²⁰): um pacote que parece representar o desenvolvimento simultâneo de guerra, organização social e algum tipo de elite.

À medida que as elites emergiam das massas, as tensões se desenvolviam e os proto-estados, controlados pelas elites, eram usados não somente para competir com outras elites rivais, também serviam para mediar tensões internas, para legitimar a ordem social e, quando necessário, suprimir a oposição das classes baixas. Childe parece ter considerado a magia, religião e ideologia como aberrações, uma forma de patologia social que bloqueia o processo “normal” de evolução social progressiva. Mas a luta de classes permeia todos os aspectos da vida das sociedades classistas, e magia, religião e ideologia, como sistemas de mistificação e controle, são elementos essenciais do poder da elite. Childe estava correto ao considerar megálitos e pirâmides como monumentos ritualísticos. Mas sua análise sobre estas estruturas é superficial, porque a luta de classes, do qual eram uma expressão, estava quase totalmente ausente de sua concepção. Nem em relação a esses aspectos ele compreendeu o potencial poder explicativo do uso marxista de conceitos como reificação e alienação. Os megálitos e as pirâmides são triunfos da organização social, sofisticação cultural e habilidade de engenharia, que ao mesmo tempo que são construídos, se transformam em monstros caricatos de si mesmo, onde o trabalho

¹⁹ N.T..Do original *Hilltop Enclosure*. Assim como *causeway camps*, se tratam de tipos específicos de sítios arqueológicos do período inicial do Neolítico britânico (4000 a.C – 3300 a.C.). São estruturas de terra com múltiplas funções, de defesa, de reunião, de habitação. São comumente associadas ao topo de pequenos morros, e se caracterizam por serem as mais antigas evidências de delimitação intencional e antrópico da paisagem na ilha britânica.

²⁰ N.T. Outro tipo específico de sítio arqueológico inglês, se tratam de refinados monumentos funerários.

humano, ao invés de ser produtivo e útil, é desperdiçado na construção de templos do sol e tumbas de reis-deuses.

Mesmo a cultura, um conceito tão vital para arqueologia de Childe, acabou sendo essencialmente não teorizado. Suas tentativas de defini-la representaram não passaram de listas de características e artefatos arqueológicos. Ficamos nos perguntando mais sobre sua visão acerca da relação entre cultura em um sentido arqueológico (conjuntos artefatuais) e cultura em um sentido sociológico (grupos sociais do passado). Na medida em que haja correspondência, de modo que os vestígios arqueológicos possam ser lidos como “história cultural”, nos falta compreender a dinâmica da formação cultural implicada. Contradição e conflito, quase que totalmente ausentes de Childe nesse contexto, são essenciais para essa compreensão. Os povos pré-históricos definiam-se – como grupos familiares, como clãs de parentesco, como tribos, como cidadãos de Atenas, soldados de Roma, como seguidores de Cristo, como qualquer coisa – em contraste com outros, dos quais estavam separados por abismos de classe e política, e com quem eventualmente entravam em conflito. Pessoas criaram identidades culturais para definir e legitimar a diferença, para criar organização social e solidariedade, e para articular oposições e reivindicações.

Há um problema similar com difusão, outro conceito vital para a visão de Childe, que também foi pouco teorizado. Ele mapeou o movimento do conhecimento, e descreveu o impacto desse movimento e seu futuro desenvolvimento. Mas falhou em explicar porque algumas inovações foram adotadas e outras não, também não discutiu quem teriam sido os atores destas tomadas de decisão, e porque assim o fizeram, não explorando a possibilidade dessas decisões terem sido contestadas ou se tornado um foco de disputas. Sem uma compreensão da dinâmica interna das diferentes formações sociais – isto é, da luta de classes dentre delas – não podemos compreender verdadeiramente a difusão.

Considere por um momento todas estas questões em relação à história do Império Romano. Foi a luta de classes entre patrícios e plebeus nos séculos V e IV a.C. – a chamada Conflito das Ordens – que produziu a constituição única de Roma. O compromisso de classe presente nesta constituição foi a base do poder das legiões romanas e da dinâmica do imperialismo romano nos anos que se seguiram. As guerras entre romanos e seus inimigos, samnitas, cartaginenses, gregos, celtas e outros – fortaleceram o caráter militar do estado e impulsionaram uma maior expansão. Roma evoluiu para um sistema de saque e violência, no qual a guerra e a conquista enriqueciam o estado e a classe dominante, e até certo ponto, as massas de cidadãos livres que formavam as legiões. A cultura aristocrática de Roma – com um foco exclusivo em conquistas militares, adoração de deuses da guerra, espetáculos e entretenimentos sedentos de sangue, além deu seu senso de superioridade racial – refletia o caráter da cidade como um sistema de imperialismo militar. E Roma absorveu as influências estrangeiras que foram úteis para o projeto, rejeitando outras como supérfluas, se não subversivas. Os objetos de arte grega eram valorizados como símbolos de civilização, cultura e “bom gosto” para a elite assassina de Roma, a democracia Grega, por outro lado, foi violentamente suprimida.

Childe não possuía ilusões sobre Roma, ele odiava impérios e guerras. Entendia que a dominação romana significava um desperdício de recursos, e até sugeriu que a queda de Roma teria libertado a humanidade e preparado o terreno para novos avanços. Mas ele falhou em construir uma teoria de história que pudesse explicar a ascensão e quedas de impérios como esse.

Embora o trabalho de Childe sobre a pré-história seja totalmente materialista e forneça uma excelente base sobre a qual é possível construir uma compreensão do processo histórico, nunca aproximou-se da realidade concreta da luta de classes,

diferente dos trabalhos de Geoffrey de Ste Croix sobre as cidades-estados Gregas, Christopher Hill sobre a Revolução Inglesa ou ainda Edward Thompson sobre a formação da classe operária Inglesa.

UM SUICÍDIO POLÍTICO?

Aparentemente não há qualquer registro de contrato entre Childe e os pequenos grupos trotskistas nos anos 1930, 1940 e 1950. Ele lutou sozinho para poder ir além da banalidade da ideologia stalinista. Suas desconfianças cresceram, mas ele as manteve privadas, agarrando-se à sua lealdade política como um bote salva-vidas em um mundo marcado pelo desemprego, fascismo e guerras mundiais. Mas em 1956, sua visão otimista sobre a União Soviética foi finalmente abalada, primeiro pelo discurso “secreto” de Nikita Krushev, onde este admitiu os crimes de Stalin, depois pelo esmagamento da revolução da classe operária húngara²¹.

Childe não assinou a carta de protesto contra a invasão soviética da Hungria publicada no *New Statesman*²² por alguns importantes comunistas e pró-comunistas ingleses. Afirmou que isso daria muita satisfação aos seus inimigos de toda a vida, mas mesmo assim, aparentava estar profundamente desconcertado. Jack Lindsey, um amigo próximo da época em que vivia na Austrália, o descreveu como “*muito atingido pelas revelações de Khrushchev de 1956*” (GREEN, 1981, p. 17). O próprio Childe escreveu a outro amigo que ele não podia “*encarar os acontecimentos na Hungria com serenidade*” (GREEN, 1981, p. 122). Mais revelador ainda é a carta amarga que enviou aos seus colegas soviéticos, na qual os condena por sua metodologia inadequada (KLEJN, 1994, p. 94-99). Embora Childe não tenha afirmado isso, a posição teórica dos arqueólogos soviéticos era produto do isolacionismo, dogmatismo e arrogância da academia sob o regime de Stalin. Para um acadêmico de princípios que sempre trabalhou a partir de evidências materiais, quando sua lealdade política entrou em crise, a irritação e desprezo acumulados começaram a ser evidentes.

A crítica aos arqueólogos soviéticos era merecida. Childe, por rejeitar a ortodoxia stalinista, há um bom tempo havia se tornado alvo de pequenas críticas condescendentes provenientes da União Soviética. Em 1951 o arqueólogo soviético Alexander Mongait escreveu um artigo intitulado “*The Crisis of Bourgeois Archaeology*”, onde dizia o seguinte:

Entre os acadêmicos burgueses, não existem apenas nossos inimigos ideológicos. Existem também estudiosos progressistas, amigos de nosso país, que entendem muito bem o significado da academia Soviética. Entre esses estudiosos ingleses está Gordon Childe. Childe ainda não conseguiu superar muitos dos erros da erudição burguesa. Mas ele entende que a verdade científica está no campo socialista e não tem vergonha de se considerar um pupilo da arqueologia Soviética. (KLEJN, 1994, p. 80).

²¹ N.T. O autor descreve dois eventos importantes que ocorrem em 1956. O primeiro se trata do discurso que Nikita Khrushchov, dirigente do PCUS, declamou em fevereiro daquele ano. O conteúdo dessa carta crítica abertamente os anos de governo de Stalin, expondo os crimes perpetuados pelo regime durante o processo que se denomina Grande Expurgo. O segundo evento trata-se da Revolução Húngara de 1956, movimento popular e espontâneo que durou aproximadamente um mês no país comunista. Os operários revoltosos defendiam o fim da ocupação soviética e a defesa de um “socialismo verdadeiro”, através da democracia popular. A resposta do governo soviético foi violenta, o exército vermelho invadiu Budapeste e estima-se que tenham sido mortos 20.000 pessoas.

²² N.T. Importante revista política britânica, possui uma orientação ideológica abertamente de esquerda.

Esses “erros da academia burguesa” foram, precisamente as ideias que trouxeram Childe para o lado da tradição marxista revolucionária.

Childe se aposentou do cargo de diretor do Instituto de Arqueologia de Londres no verão de 1956. Aterrizou de volta em Sidney em abril do ano seguinte, e depois de alguns meses em que passou visitando a família, amigos e colegas, partiu para uma caminhada pelas Blue Mountains na província de Nova Gales do Sul, no início da manhã de 19 de outubro de 1957. Desta caminhada, ele nunca retornou, se jogou do topo de um penhasco, em um lugar localizado a poucos quilômetros de distância de onde nasceu.

Gordon Childe nunca se casou, ou teve filhos. Ainda que tenha tido muitos amigos, sempre pareceu deslocado e distante, e provavelmente sofreu muito com a solidão. Ele temia a velhice e o declínio de sua posição. Sua visão talvez já não fosse mais a mesma. Sem dúvida havia motivos pessoais para que ele desse um fim a sua vida, mas não eram os únicos motivos.

Muitas de suas perspectivas estavam sob ataque, e aparentemente não teve muita disposição em adotar novas abordagens como as datações radiocarbônicas e técnicas de quantificação, e usá-las para resolver algumas contradições, criar perguntas e responder as críticas. Childe sentiu que o trabalho da sua vida havia acabado, e dessa maneira, nada mais restava que pudesse preencher sua velhice.

Mas eu acho que existiu algo mais. Vere Gordon Childe foi, durante toda sua vida adulta, um socialista. A luta contra o imperialismo, o fascismo e a guerra, contra a opressão e a injustiça foram seu sustentáculo por quase meio século de vida. Antes, suas ilusões políticas tinham sido destruídas – pela experiência de um governo reformista na Austrália, no período da I Guerra Mundial. A resposta do jovem ativista naquele momento foi a ácida crítica representada pelo livro *How Labour Governs*. Agora, outra vez, suas ilusões políticas tinham sido derrubadas pela realidade do governo stalinista no leste da Europa. Mas o professor aposentado não tinha contato com as tradições socialistas revolucionárias que estavam gestando a Nova Esquerda, que poderiam tê-lo sustentado durante a crise. Ele se encontrou à deriva. Talvez a linha mais significativa que escreveu em sua última carta tenha sido: “*Perdi todos meus velhos ideais*” (GREEN, 1981, p. 164). Talvez, sob esta perspectiva, ele tenha sido outra de tantas vítimas do stalinismo.

REFERÊNCIAS

- CHILDE, Gordon V. *The Aryans*. London: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co Ltda, 1926.
- CHILDE, Gordon V. *The Danube in Prehistory*. New York: Oxford University Press. 1929.
- CHILDE, Gordon V. Is Prehistory Practical?. *Antiquity*, volume 7, number 28. p. 410-418. December 1933.
- CHILDE, Gordon V. *What Happened in History*. London: Pelican Books. (Harmondsworth). 1942.
- CHILDE, Gordon V. *History*. London: Cobbet Press. 1947.
- CHILDE, Gordon V. *The Dawn of European Civilisation*. London: Routhledge. 1957.
- CHILDE, Gordon V. *The Prehistory of European Society*. Harmondsworth: Penguin Books. 1958a.
- CHILDE, Gordon V. Retrospect. *Antiquity*, volume 32, number 126. Junho 1958b.
- CHILDE, Gordon V. *How Labour Governs: A Study of Workers' Representation in Australia*. Melbourne: Melbourne University Press. 1964.

- CHILDE, Gordon V. Prehistory and Marxism. *Antiquity*, volume 53, number 208. P 93-95. July, 1979.
- DANIEL, Glyn E. *A Hundred and Fifty Years of Archaeology*. London: Duckworth. 1975.
- EVANS, R. Social passion': Vere Gordon Childe in Queensland, 1918-19, in GATHERCOLE, P., IRVING, T., MELLEUSH, G. (eds) *Childe and Australia: Archaeology, Politics and Ideas*. Brisbane: Queensland University Press. 1995.
- GREEN, Sally. *Prehistorian: A Biography of V Gordon Childe*. London: Moonraker Press. 1981.
- HARMAN, Chris. *A People's History of the World: from the Stone age to the new millennium*. London, Chigao & Sidney: Bookmarks Publications. 1999.
- HAYNES, Mike. *Russia: Class and Power, 1917-2000*. Eastbourne: Gardner Books. 2002.
- KLEJN, Leo. Childe and Soviet Archaeology: A Romance, in HARRIS, D. (ed) *The Archaeology of V Gordon Childe*. Melbourne: Institute of Archaeology and the Prehistoric Society. 1994.
- MADDOCK, K. "Prehistory, Power and Pessimism", in Peter Gathercole, Terry Irving and Gregory Melleuish (eds), *Childe and Australia: Archaeology, Politics and Ideas* (Queensland University), 1995.
- MARX, Karl. Manifesto of the Communist Party in MARX, K. Political Writings. Vol 1. *The Revolutions of 1848*. Londres: Penguin Books. 1973.
- MCNAIRN, Barbara. *The Method and Theory of V Gordon Childe* (Edinburgh University), 1980.
- MOLINEUX, John. *What is the Real Marxist Tradition?*. Chicago: Haymarket Books. 2003.
- MULVANEY, John. Another University Man Gone Wrong: V Gordon Childe, 1892-1922, in HARRIS, David (ed), *The Archaeology of V Gordon Childe*. Melbourne: Institute of Archaeology and the Prehistoric Society, 1994.
- TRIGGER, Bruce. *Gordon Childe: Revolutions in Archaeology*. Londres: Thames and Hudson, 1980.